

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOÃO BOTELHO — OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS FILMAR

3 de Setembro de 2022

ALEXANDRE E ROSA / 1978

um filme de JOÃO BOTELHO e JORGE ALVES DA SILVA

Realização, Argumento: João Botelho, Jorge Alves da Silva *Fotografia* (16 mm, Eastmancolor): Acácio de Almeida, José Luís Carvalhosa *Montagem:* Solveig Nordlund *Música:* António Pinho (piano), José Martins (bateria), Artur Guedes (contrabaixo), João Nogueira (saxofone) *Som:* Paola Porru *Iluminador:* Jorge Caldas *Maquinistas:* Carlos Sequeira, Francisco Bran *Anotação:* Manuela Viegas *Fotos:* Rita Azevedo Gomes *Interpretação:* Luís Lucas, Teresa Madruga, António Pinho, Guilherme Castro, Luís Miguel [Castro], João Perry, António Montés, Manuel Pina, J. Perez. C. Machado.

Produção: Instituto Português de Cinema (Portugal, 1978) *Direcção de Produção:* Óscar Cruz *Estreia Mundial:* Festfigueira 1979 *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca:* 14 de Junho de 1984 ("Encontros com o Cinema Português") *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm, cor, 20 minutos.

A cópia de ALEXANDRE E ROSA que vamos exhibir é resultado do programa de preservação de 2007, durante cujo processo foi tirada do novo internegativo de imagem e do novo foto-sonoro. ALEXANDRE E ROSA é apresentado com CONVERSA ACABADA ("folha" distribuída em separado).

Uma pistola pousada sobre um fundo vermelho vivo em plano fixo e aproximado abre e fecha ALEXANDRE E ROSA, marca da estreia oficial no cinema português de João Botelho e de Jorge Alves da Silva que logo depois se desfaria como dupla. Enquanto tal começaram antes, em documentários produzidos para televisão pela Direcção Geral de Educação Permanente, UM PROJECTO DE EDUCAÇÃO POPULAR (1976) e O ALTO DO COBRE (1977), surgindo ALEXANDRE E ROSA no contexto do primeiro plano de produção do Instituto Português de Cinema. Botelho filmaria depois CONVERSA ACABADA (1981). Jorge Alves da Silva tentou a longa-metragem logo a seguir a ALEXANDRE E ROSA e muito embora o projecto nunca tenha sido acabado, O ÚLTIMO SOLDADO (consta da filmografia portuguesa como um filme inacabado de 1979, com João Perry e Maria Elisa nos principais papeis) correspondeu à primeira ideia de incursão do cinema português de ficção pela ressaca da guerra colonial, com o argumento centrado na personagem de um pára-queda que regressa a Portugal, vindo de África, para se confrontar com dificuldades de readaptação de vária ordem.

Em 1978, concentrado "na cidade do Porto e arrabaldes" como se pode ler nas respectivas notas de produção, ALEXANDRE E ROSA assume a frescura de uma primeira obra (e foi também a estreia no cinema de Luís Lucas e Teresa Madruga, os dois protagonistas), de referências literárias (Raymond Chandler, *Farewell My Lovely*, o romance de 1940 citado ao início), cinematográficas (o *noir* americano) e gráficas (o trabalho sobre a cor e a evocação da banda desenhada no plano inicial que põe em diálogo a citação de Chandler e as imagens desenhadas sobre um fundo tão vermelho como o da imagem de abertura). Universo policial, portanto, a funcionar como fundo tutelar de uma narrativa que segue o encontro amoroso, e improvavelmente feliz, de Alexandre, rapaz de sangue na guelra e expedientes vários ("O dinheiro onde é que está, como é que não chega às nossas mãos? Pelo menos às minhas não chega."), e Rosa, professora que dedica os seus dias em Oliveira de Azeméis a ensinar "a resolver problemas".

No texto com que apresentaram o filme, tanto no Festfigueira como na sessão de 1984 na Cinemateca, Botelho e Alves da Silva diziam de ALEXANDRE E ROSA: “É uma história e um filme de amor, amor por quem lá está e se diz, amor pela razão de olhar e julgar *este país dos outros*. Pessoas novas que se amam sem ter cama, que são o diferente trabalho que têm e se esmurram contra um horizonte nulo. É, por assim dizer, a voz e o corpo de muita gente a quem o futuro ficou congelado, bloqueado ou foi pura e simplesmente roubado. Há uma geração desta frustração, que perdeu o ritmo da História e encontrou um tapete de compromissos velhos como substituto. A teatralidade é essa voz presa, o fluir realista da acção é o encontro de um extermínio e a razão disso. O que é tarde para um, é a lição de outro. Alexandre morre, Rosa descobre-lhe o sangue sem dinheiro.”

A violência do desfecho de ALEXANDRE E ROSA, com Alexandre a sucumbir ao tiroteio policial quando apanhado no meio de um assalto, é um desfecho anunciado na abertura. Sob o signo do vermelho (do fundo) e do negro (da pistola), o que se passa em ALEXANDRE E ROSA é a intenção de uma reflexão simultânea sobre a vida das jovens personagens no Portugal da época, por um lado, e sobre os meios cinematográficos, por outro. A dimensão, digamos, retratista do Portugal da época, acentua-se décadas depois e hoje, tanto quanto na acção dramática e no desenho das personagens, descobrimo-la, por exemplo, no plano do salão de jogos filmado de cima com a câmara em mergulho vertical nas mesas de snooker ou, sobretudo, naquele que fixa em plano geral interior a entrada na estação nortenha da camioneta cor-de-laranja da Rodoviária Nacional. A do embate propriamente cinematográfico, se assim podemos dizer, requer a atenção na existência de duas linhas narrativas, dois ambientes cromáticos e dois tipos de trabalho sobre o texto.

ALEXANDRE E ROSA apresenta-se em balanço entre estes dois ambientes, narrativo e formal, em associação com as suas duas personagens titulares, sendo que a voz *off* se propõe como o elemento de ligação entre eles. Já na altura Botelho e Jorge Alves da Silva o notavam, referindo eles próprios o recurso ao texto em *off* como um desígnio narrativo de equilíbrio tendente a “contar a história e contar os sentimentos”. Uma e outros vivem da convulsão, explicitada ou nem por isso, mas em todo o caso fulcral em ALEXANDRE E ROSA. Se mais tarde, Botelho se referiu a esta sua primeira curta como uma obra inacabada e algo ingénua, o que se lhe pode responder é que oxalá todas as jovens primeiras obras tivessem o grau de inacabado e ingenuidade desta curta-metragem, saudando-se-lhe, para além do mais, o romantismo.

Maria João Madeira